

Ereto da Brocha
(um diplomata desconhecido)



Crônicas do Itamaraty bolsolavista

Brochura Irreverente
2020

Índice

Nota liminar à 2 ^a . edição das <i>Crônicas do Itamaraty bolsolavista</i>	4
Introdução pessoal às crônicas do diplomata anônimo	6
Paulo Roberto de Almeida	

Crônicas recebidas até 4/11/2020

1. O papel do asno na sociedade brasileira (semana 01)	8
2. Gusmão rendido (semana 02)	9
3. Pela restauração! (semana 03)	10
4. Franjas lunáticas (semana 4)	11
5. O Anti-Barão (semana 05)	12
6. Alienáveis alienígenas (semana 06)	13
7. Nobel (semana 07)	14
8. Sussurram os Corredores (semana 08)	15
8bis. Bolo de Laranja Lima (semana 08-bis)	16
9. Meu caro amigo (semana 09)	17
10. Aos fatos (semana 10)	18
11. <i>Kejserens nye Klæder</i> (semana 11) [As Roupas Novas do Rei]	19
12. A Era do Rádio (semana 12)	20
13. Era uma vez na Arábia um homem chamado Abu (semana 13 - Parte 01)	21
14. ABU V, o heterônimo (semana 14 - Parte 02)	22
15. O estranho caso de Abu (semana 15)	23
16. A jornada do herói (semana 16)	24
17. Rumo à Idade Média (semana 17)	26
18. Patriotas (semana 18)	27
19. Os leitões de Niemöeller (semana 19)	28
20. Receita contra o globalismo (semana 20)	30

21. O Ig Nobel (semana 21)	31
22. O Discurso [na ONU] (semana 22)	32
23. As cinzas de Pompeia (semana 23)	33
24. Réquiem para um povo (semana 24)	34
Um cronista misterioso anima a RESISTÊNCIA no Itamaraty	35
Paulo Roberto de Almeida	

Nota liminar à 2^a. edição das *Crônicas do Itamaraty bolsolavista*

Um cronista (até aqui) misterioso

No dia 20 de agosto de 2020 recebi, de um colega de carreira, uma dúzia de arquivos assinados com um *nom de plume*, nitidamente de um diplomata aposentado, empenhado em criticar os descaminhos do Itamaraty bolsolavista. Eles foram seguidos, nas semanas seguintes, por mais uma dúzia, perfazendo, até aqui, 24 crônicas saborosas.

Li, gostei, e resolvi republicar, por minha conta e risco, no *Diplomatizando*, uma por uma destas crônicas, que tratam todas da lamentável situação do Itamaraty sob a gestão atual governo aloprado. Elas foram redigidas certamente por um diplomata experiente, mas já aposentado, o que o coloca ao abrigo de retaliações maciças que possam aflorar no cérebro confuso do seu principal objeto, o ornitorrinco que vive submerso, fora do alcance da imprensa e do escrutínio dos próprios colegas.

Como detectei grande interesse no material, resolvi compor uma pequena brochura para colocar essas crônicas de um autor ainda desconhecido à disposição dos interessados, consolidando o material recebido com pequenas introduções a cada uma delas e uma introdução geral ao conjunto, todos esses textos feitos claramente de improviso, no calor da hora.

Acredito que o cronista anônimo vai continuar se exercendo nas doçuras da crítica sarcástica, mas não tenho contato com ele. Dependo de colegas que recebem e me repassam o material, que não sei exatamente como circulam. O fato é que essas crônicas são lidas com indizível prazer pela nossa corporação de ofício, que assim pode desfrutar (ainda que clandestinamente) do sarcasmo que são a sua marca irrecusável.

Numa conjuntura de tantos absurdos e bizarrices, a maior parte composta de declarações presidenciais imensamente constrangedoras para nosso país, internamente e externamente, uma das reações usadas em todas as épocas é a derrisão, ou seja, a ironia ferina, ou sarcástica, usada como armas da crítica, desde Erasmo e Swift, até nossos dias. Dois dos nossos saudosos cronistas de costumes, Stanislaw Ponte Preto – autor do (hoje de mais rara menção, mas inesquecível) Febeapá, o “Festival de Besteiras que Assola o País” – e Millôr Fernandes, também conhecido como Vão Gogo, se sentiriam à vontade e escreveriam novas crônicas impagáveis sobre os atuais pândegos do poder estabelecido.

Se eu tivesse de dar um conselho ao nosso cronista misterioso, eu pediria que ele datasse, pelo calendário efetivo, cada uma de suas saborosas crônicas, pois o registro cronológico é importante para a história, uma vez que o Brasil necessita ter um registro preciso destes tempos tão pouco memoráveis, não convencionais, em nossa vida de retinas fatigadas pelas pedras no caminho que temos de enfrentar em nossa incerta trajetória em direção a um vago futuro.

Em todo caso, desejo uma excelente continuidade no bom trabalho que vem sendo desenvolvido pelo cronista misterioso. Não sei se a Funag, em alguma administração futura, poderá publicar estas crônicas de costumes, mas fica a sugestão, talvez num estilo não muito diferente daquele seguido, no século XIX, por uma dupla que se exercia nesse tipo de crítica: Bouvard e Pecuchet.

Paulo Roberto de Almeida
Brasília, 24 de agosto, 4 de novembro de 2020

Introdução pessoal às crônicas do diplomata anônimo

Paulo Roberto de Almeida

Fui apresentado, na quinta-feira 20 de agosto de 2020, a uma série de “crônicas” da mais fina qualidade literária, ainda que no gênero sarcasmo, as quais eu desconhecia completamente. Segundo me relatou o “expedidor”, essas saborosas crônicas têm circulado desde algumas semanas, e estão sendo distribuídas metodicamente a seus felizes destinatários, entre os quais eu não me incluo (daí ter sido contemplado, apenas tardiamente e indiretamente, com a remessa de uma dúzia completa, que devorei imediatamente, com grande prazer, aliás).

Segundo depreendo das palavras do autor, trata-se de um diplomata aposentado, grande conhecedor não apenas da cultura do Itamaraty, mas da cultura *tout court*, capaz de finas alusões literárias, musicais, históricas e de uma grande dose de ironia, para não dizer de sarcasmo, puro e direto. Mas tem muito mais do que isso. Pelo que me ensinam os dicionários, os sinônimos de sarcasmo podem ser os seguintes: zombaria, brincadeira, burla, caçoada, chacota, deboche, derrisão, escárnio, galhofa, gozação, ironia, malhação, mangação, sátira, troça, apupo, gracejo, jocosidade (entre vários outros). Tem tudo isso nestas crônicas, mas sempre com muita elegância, típica de um diplomata *de la vieille école*, desses que praticamente já não existem mais.

Em todo caso, as tiradas do nosso cronista misterioso são muito bem vindas no atual estado depressivo no qual vivem o Itamaraty e os itamaratecas, uma vez que ele revive o espírito gozador do nosso povo, não os humoristas de ocasião, estilo Casseta e Planeta, mas os maiores e os mais inteligentes, desde Lima Barreto e Mendes Fradique, passando pelo Barão de Itararé e por Stanislaw Ponte Preta, até chegar no inesquecível Millôr Fernandes (também conhecido como “Vão Gogo, um escritor sem estilo”).

O cronista aqui descoberto – êpa!; ainda não: desconheço sua identidade por completo, nem quero conhecer – ainda tem uma longa carreira pela frente, tanto quanto durar o besteirol governamental, e mais precisamente aquilo que eu já denominei de “miséria do Itamaraty”. O personagem aqui visado, merecidamente digamos assim, vai ficar muito desconfortável ao ler estas saborosas crônicas, se ainda não as leu. Suponho que ele vai pedir aos arapongas do regime bolsonarista, aos esbirros do Gabinete do Ódio (que já lhe forneceram farto material para atacar seus antecessores e supostos adversários políticos) que lhe façam a busca, e não será uma grande surpresa se ele descobrir quem

se esconde atrás desse nome bizarro escolhido pelo “cronista dos absurdos” da diplomacia bolsolavista.

Não importa agora quem seja o Batman, o Fantasma, o herói temporário de tantos diplomatas discretamente satisfeitos com estas crônicas de tempos miseráveis. O personagem destas crônicas vai tentar identificar quem ele considera um êmulo do Fantômas, ou do Arsène Lupin, mas o nosso cronista é na verdade um grande diplomata, um defensor das melhores tradições do Itamaraty, apenas que armado da mais fina ironia que é possível a um experiente cultor da literatura, da música, da cultura brasileira.

Vou postar, sistematicamente, todas as crônicas a que tive acesso desde o mês de agosto (mês de cachorro louco, segundo velhos mitos políticos), e postarei outras mais, se por acaso for contemplado com mais peças de refinado sabor sarcástico.

Paulo Roberto de Almeida

Brasília, 20 de agosto de 2020

Postado na plataforma Academia.edu (link:
[https://www.academia.edu/43909791/Cronicas do Itamaraty bolsolavista Cronista misterioso 2020_](https://www.academia.edu/43909791/Cronicas_do_Itamaraty_bolsolavista_Cronista_misterioso_2020_)).

1. O papel do asno na sociedade brasileira (semana 01)

[**Introdução PRA:** Apenas transcrevo o que anda circulando discretamente por aí...]

Sérgio Buarque, no seu magistral *Raízes do Brasil*, dizia que, no Império, no engatinhar da nossa pedagogia, não se falava em ensinar ou educar as crianças, mas, sim, em desasnar os pequenos. Acreditava-se que os primeiros passos da educação era arrancar os meninos da condição animalesca que a infância os relegava.

Muito evoluímos desde então para saber que nem são as crianças tão ignóbeis nem os asnos tão animalescos. O asno, o nosso carinhoso burro, não é o grande malandro da praça, mas é a primeira força motriz estruturante de nossa sociedade. Que meu amigo Synésio me perdoe, mas sua obra Navegantes, Bandeirantes e Diplomatas não fez justiça a esses nobres colegas. Foi no lombo de jumentos, burros, asnos e mulas que ampliamos as fronteiras deste país, que construímos nossa economia e que consolidamos nossas fronteiras.

O ávido leitor deve estar se questionando: “Mas Ministro Ereto, por que tantos elogios a este nobre?”. Ora, amigo leitor, é-me essencial elogiar esta nobre besta para que eu possa pedir perdão pelo vocabulário que me falta ao descrever nossa diplomacia atual. Falta-me intelecto para descrever as bravatas atarantadas de Ernesto. E, por esta razão, peço desculpas às nobres bestas, pois utilizarei seus epítetos para descrever estes quase dois anos de desgoverno, entre eleição e concretização nefasta, e de seu psicopata-chanceler ou chanceler-esquizofrênico, como prefiram.

Explico. Venho por meio deste declarar-me ombudsman da psicose de Ernesto e dos poucos, muito poucos, que com ele compactuam. Imbuído da tradição e do valor não só de meus contemporâneos, mas também dos diplomatas que me precederam e daqueles que hão de reconstruir o Itamaraty quando o bolso-olavismo vier a se esvair no tempo, relatarei periodicamente minhas impressões sobre esta nova idade das trevas acéfala.

Em nome de um Itamaraty ereto, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

2. Gusmão rendido (semana 02)

[**Introdução PRA:** Nosso Ombudsman secreto acusa os bolsolavistas do Itamaraty atual de serem “terroristas do intelecto”, no que eu acho que eles têm inteiramente razão. Pelos convites formulados pela Funag se aproximam da “indigência subintelequital”.]

Em caricato seminário, o atual presidente da FUNAG afirmou que embaixadores antigos, por ignorância ou por má-fé, confundem globalização com globalismo. Lamentável.

Veja aqui se um homem da minha idade pode aceitar esse tipo de desaforo. Eu, que tanto trabalhei pela nossa FUNAG, tenho o dessabor devê-la transformada em agência de notícias falsas. Não, seu ministro, não é ignorância nem má-fé. O que ocorre é que esse globalismo que Vossas Senhorias vociferam por aí não passa de um conto de lunáticos.

Pasmem, palestrantes iluminados, não existe governo mundial! Não, o Itamaraty nunca foi uma filial servil da ONU, a cumprir ordens ocultas que sequer Vossas Inteligências conhecem.

Qual não é a revolta de um velho ao ouvir que o Brasil não era sequer anão diplomático, porque anão pelo menos é adulto. E, vejam vocês, que éramos “adolescente diplomático”. Ainda mais quando dito por aqueles tremebundos com mitos infantis de “comunismo cultural”. Queria eu ignorar os obtusos e voltar ao meu Homero. Mas logo na nossa FUNAG?

Sinto como se fanáticos houvessem sequestrado a FUNAG. Sua bandeira prega a destruição da coerência, da razão e do livre pensar. São terroristas do intelecto. Visam incutir em nossas mentes o medo da razão, da real intelectualidade.

Pelo resgate da FUNAG, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

3. Pela restauração! (semana 03)

[**Introdução PRA:** Como muitos se recordam, a declaração assinada por todos os ex-chanceleres, pelo ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero e pelo ex-secretário de Assuntos Estratégicos do governo normal antecessor, Hussein Kalout, clamava pela RECONSTRUÇÃO da política externa e da diplomacia. Nosso ombudsman já começou a tarefa e conclama todos à RESISTÊNCIA.]

Fui um Liberal! Então a democracia era jovem no país; estava nas aspirações de todos. Meu espírito liberal embalava meu esforço por um Itamaraty prestigioso e por um país de ordem e de progresso, livre do flagelo ditatorial e dentro de uma liberdade ampla. E fizemos a constituinte. E fizemos um país soberano. E fizemos a integração do nosso continente; e fizemos a Rio 92. E o mundo nos via como um país forte, aberto, respeitado.

Hoje sou um Restaurador! Diante de toda a destruição que tenho visto de nossa diplomacia, que nem mesmo a ditadura militar provocou, preciso erguer minha caneta contra os que vilipendiam todo o patrimônio que nos legou nosso barão!

Não são nem conservadores nem liberais estes que hoje bradam impunemente o pendão do liberalismo econômico e do conservadorismo social. São falsos profetas. São revolucionários. E no torpor de sua revolução, põem abaixo toda a tradição diplomática que encontram pela frente.

Precisamos restaurar nossos vínculos com o interesse nacional, com o pragmatismo, com a soberania de nosso país; com nossa Constituição. Não podemos nos rebaixar ao papel de vassalo de outros países, por simples ideologismo revolucionário.

Precisamos construir uma política externa que defenda os verdadeiros interesses nacionais, não as fantasias alucinadas de um grupelho pós-integralista.

Pela Restauração de nossa Casa, resistam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

4. Franjas lunáticas (semana 4)

[**Introdução PRA:** "Lunatic fringe", é como os americanos mais sensatos se referem aos malucos que ajudaram um oportunista a galgar a presidência da mais poderosa nação do mundo (*with a little help from the Russians...*). É a expressão usada pelo embaixador Rubens Ricupero para referir-se aos malucos que tomaram conta da diplomacia brasileira (*with a little help from inside*).]

Saravá, meu bom Rubens, sempre perspicaz. Escrevo-lhe para dizer que errei. Ri na primeira vez que usaste a expressão "lunáticos" para se referir aos atuais formuladores - ou destruidores - da política externa. Ri, mas não cri. Tinha ainda esperanças de que nossas tradições, princípios e valores prevaleceriam sobre o discurso ideológico e, acreditava eu, apenas oportunista. Ledo engano.

Estavas certo, como de costume. Lunatismo é mesmo a principal característica desses quase dois anos de morticínio de nossa tradição diplomática. É, amigo, estão matando o Barão pela segunda vez; agora, de vergonha.

Veja você, Rubens, por esses dias senti uma pontada nas costas, e das fortes. Bem na lombar, como comentávamos outro dia. Achei que fosse a hérnia. Mas era só o texto que lia no celular. Tratava de um “comunavírus”.

Pois é, nesses tempos de antipolítica externa, já ouvimos de tudo e já exigimos muito de nossas lombares. O nazismo é de esquerda, o coronavírus é uma invenção da mídia e os extraterrestres visitam a ONU. Céus!

Rubens, amigo, apareça mais. Tenho saudades de você e de nosso Itamaraty racional. Quero crer que ainda o teremos de volta. Afinal, a diplomacia é a arte do encontro, embora hoje haja tanto desencontro.

A você Rubens, e a todos que ainda têm fé na razão, saravá!

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

5. O Anti-Barão (semana 05)

[**Introdução PRA:** O Barão, como todos sabem, relutou em aceitar a chancelaria: ele não queria se meter na confusão da República, cuja primeira década tinha sido a mais destrambelhada possível. Ele só aceitou com carta branca do presidente para conduzir a sua política externa. O exato contrário do que ocorre hoje. A República voltou a ficar destrambelhada, num contexto em que o Itamaraty foi rebaixado a laboratório das piores alquimias olavistas.]

“Um diplomata não serve a um regime e sim ao seu país.” Nossa patrono defendia os interesses nacionais acima de tudo, e a soberania brasileira acima de todos. Ele próprio um Barão, monarquista, foi chanceler na República. Porque compreendeu que os interesses da pátria eram superiores às vicissitudes da política interna.

Lembro da frase do Barão para ponderar que nossa casa foi assaltada por pensamento contrário. Hoje, propaga-se a crença de que a diplomacia não é uma política de Estado, destinada a preservar os interesses nacionais permanentes, mas, sim, uma política de governo, que muda conforme as orientações do presidente de turno. No caso, do psicopata de turno.

Ainda que o digno oponente do Barão, pelo igual peso intelectual, seja nosso Oliveira Lima, Ernesto parece disputar o posto de Anti-Barão. Não por contraposição intelectual, naturalmente, mas, quiçá, pela destruição.

Ernesto está a destruir toda a nossa boa tradição diplomática, todo nosso prestígio no exterior. Hoje, nós, diplomatas brasileiros, somos vistos com desconfiança. Nos olham ressabiados. Somos excluídos dos processos decisórios. Nos acreditam terraplanistas, negacionistas do clima, excludentes à migração. Destruidores da Amazônia. Um país sem soberania, que apenas reproduz posições de outros países. Um país que defende o interesse nacional alheio. Anti-racionalistas. Não inspiramos confiança. Somos, por anti-científicos, epicentro de uma pandemia, e, por falta de amor próprio, o reproduutor de um proto-fascismo tosco, verdeamarelado.

O Anti-Barão parece querer terraplanar tudo que o Barão construiu e nos legou. E nós, observamos atônitos, seguindo instruções. Até quando?

Contra o Anti-Barão e contra a Destrução, reflitam.

Ministro Eretíaco da Brocha, OMBUDSMAN

6. Alienáveis alienígenas (semana 06)

[**Introdução PRA:** Esta crônica é das mais estranhas, ao falar de *body snatchers*; confesso que não vi o filme; detesto o besteirol de Hollywood! Mas talvez ele tenha chegado até nós: uma invasão de alienígenas, diz o nosso cronista misterioso. Só pode ser isto: de outra forma como compreender o que está acontecendo agora com o Itamaraty?]

Preciso admitir que Ernesto estava certo. Sei que parece improvável, mas peço vênia para pequena digressão que o haverá de convencer.

Imagine você, amigo leitor, um dia retornar, após breve viagem, a sua pequena e pacata cidade. Ao chegar, amigos alertam que coisas estranhas têm ocorrido. Relatam que algumas pessoas vêm agindo de forma estranha, como se não tivessem alma... Como se respondessem de forma conjunta, acéfala e coordenada a todas as situações, como se perdessem a individualidade e se tornassem zumbis; passivos e desumanos... É isso que acontece no filme “Invasion of the Body Snatchers”, que assisti no cinema, nos anos 70, e revistei essa semana, no original dos anos 50.

Ao longo da trama, o espectador acompanha o médico Miles, que descobre que seus conterrâneos estão sendo, pouco a pouco, substituídos por duplicatas alienígenas desprovidas de qualquer sentimento. A descoberta e a recusa de se unir ao pensamento único da colmeia extraterrestre faz com que seja perseguido e caçado pelas duplicatas acéfalas.

Peço perdão, caro leitor, por esta digressão, mas recomendo que você assista ao filme, pois, creio, o Itamaraty também foi invadido. Como já nos alertava nosso psicopata-chanceler quando palestrou para uma plateia de riobranquinos, os alienígenas estão entre nós!

Como Miles, vejo hoje um Itamaraty sem alma. E vejo colegas, que tanto prezava, comportarem-se como cópias inanimadas de si mesmos, reproduzindo uma doutrina totalizantemente ideologizada, sem lastro em nossa boa tradição diplomática.

Vejo alguns colegas aderirem ao pensamento interplanetário-terraplanístico da colmeia ernestiana, vagando como zumbis acéfalos. Vejo também alguns bravos que, irridentos como o Dr. Miles, são perseguidos como se fossem eles os loucos. Ernesto estava certo, a invasão alienígena já começou.

Aos terráqueos que ainda não foram invadidos pelo pensamento alienígena, encareço, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

7. Nobel (semana 07)

[**Introdução PRA:** Este foi um dos momentos mais sórdidos da história do Itamaraty sob a ditadura militar. Eu estava no exterior, num longo autoexílio, mas soube pelo Le Monde, da campanha dos generais contra a possível atribuição de um Nobel da Paz ao pequeno bispo Dom Helder Câmara, de grande estatura na defesa de prisioneiros, de torturados, de desaparecidos na repressão da ditadura nos anos de chumbo. Os diplomatas tiveram de fazer campanha contra esse Prêmio Nobel. Atualmente eles escrevem aos jornais para contar maravilhas do presidente, ou seja, para mentir...]

Lembro-me da tristeza na frente de meu pai ao comentar o episódio. Morávamos ainda no Rio, e teve de fazer gestões junto aos países escandinavos para impedir que Dom Helder Câmara recebesse o Nobel da Paz. Senti que lhe doeui.

As gestões não foram bem-sucedidas, é verdade. Os governos nórdicos recusaram-se a interferir na escolha do prêmio. Mas em Brasília, com murros na mesa, os generais ameaçaram empresas escandinavas com proibição de remessa de lucros.

Meu pai nunca soube ao certo qual foi o grau de influência dessas pressões, mas Dom Helder não foi escolhido, e lembro-me bem de ouvir de Sizínia Nogueira, em um jantar, quando já me preparava para o vestibular do Itamaraty: "enquanto houver alguém na Fundação Nobel que se lembre do esforço do Brasil para não receber o prêmio, nenhum brasileiro será jamais agraciado". Assim tem sido.

Não entendia bem naquele tempo como podíamos ser patriotas e cristãos, ao mesmo tempo em que trabalhávamos contra um arcebispo de nossa pátria, conhecido por levantar a Palavra de Deus contra a tortura que sofreu o próprio Cristo.

Hoje, ao ver tremular bandeiras estrangeiras nas mãos de supostos patriotas, ao ver a imagem do Cristo acima das cabeças dos que bradam por ditadura, ao ouvir o Nome de Deus proferido em vão por quem idolatra torturadores, e ao imaginar as instruções que poderemos vir a receber, lembro-me da tristeza no semblante de meu pai.

Por uma nação verdadeiramente patriota e Cristã, reflitam.

Ministro Eretto da Brocha, OMBUDSMAN.

8. Sussurram os Corredores (semana 08)

[**Introdução PRA:** Nosso cronista misterioso menciona outro lado negro do Itamaraty bolsolavista: o esvaziamento da antiga Assessoria de Imprensa. O Itamaraty não tem sequer porta-voz (para quê?). O que o nosso cronista talvez ignore é que o Itamaraty ELIMINOU completamente os dois clippings de notícias, nacionais e internacionais, sobre a diplomacia brasileira, sobre a política externa (que na verdade não existe), sobre a agenda internacional, deixando TODOS os diplomatas sem sequer uma notícia sobre a sua pátria. Não hesito em dizer: isso constitui um CRIME, a própria destruição da inteligência!]

Dizia meu velho pai que em todas as casas as paredes têm ouvidos, mas que somente em nossa Casa os corredores têm bocas. E sussurram. Ontem mesmo ouvi alguns bulícios trazendo novas de nosso sitiado Ministério.

Os corredores mais críticos comentavam escandalizados que Ernesto e os seus terraplanaram a AIG, hoje representada por alcunha que me nego a transcrever, por simples rebeldia. Demitiram seu Diretor e convidaram porta afora os chefes e subchefes de suas divisões.

Já os passadiços do Palácio tributam tais críticas à plebe esquerdista dos corredores dos anexos. Dizem os palacianos: nossa AIG estava completamente infiltrada por traidores! Pérfidos globalistas! Aliados da mídia internacional comunista! Por que razão, afinal, o Brasil teria tão escorraçada imagem no exterior?

Corredores maledicentes boatarão que nosso glorioso chefe pretende instaurar um Ministério da Verdade! Ao que teremos os bons de defendê-lo, pois será apenas um Departamento de Propaganda!

A regeneração já começa a notar-se no horizonte! Nosso novo Goebbels já anuncia, mui sagazmente, o uso profilático que faremos de dois milhões de doses de hidroxicloroquina, generosamente doados pela América! Uso preventivo, por quê não? Mal não haverá de fazer!

E nada poderia ser melhor para o novíssimo Departamento de Propaganda que admitir em nossa Casa mentes alheias ao Serviço Exterior Brasileiro. Um estrangeiro, para a glória de nosso patriotismo invertebrado. E quem melhor que um preposto do Rasputin de Norfolk?

Ante os gritos de glória do palácio, a plebe dos anexos cala.

Haveremos apenas de sussurrar?

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

8bis. Bolo de Laranja Lima (semana 08-bis)

[**Introdução PRA:** Esta "crônica gastronômica" do nosso cronista misterioso, numerada 8bis, deve ter vindo por engano, de contrabando na dúzia de crônicas anti-olavistas. Melhor, faz uma pausa no sarcasmo, na indignação, na revolta contra o que vem servido como "prato feito" bolsolavista atualmente, no menu do Itamaraty. Eu costumo comparar nosso serviço exterior a uma pizza: a massa é sempre da melhor qualidade, nosso corpo profissional. Sobre ela os presidentes descarregam suas preferências: calabresa, portuguesa, aliche, etc. Atualmente, a massa é a mesma, mas sobre ela espalharam um horrível ketchup olavista intragável, nauseabundo...]

O bolo de fubá cremoso foi minha primeira paixão. A cada mordida, eu percebia que a vida era bela. A cada bala de coco, a cada quitute da Colombo, a cada biscoito de nata, tornei-me mais esfericamente perfeito.

Convenhamos. Todo corpo celestial é esférico. No espaço, só há astros redondos. Eu nunca vi um planeta magro. Nós, gordos, temos essa semelhança com o divino.

Esta semana, vasculhando armários atrás de uma lata de leite condensado que pudesse aplacar minha fúria roliça ante tantas notícias, pensei em você, amigo leitor, também a buscar um quitute para saciar as ânsias. É nesse espírito que ofereço minha sabedoria rotunda e recomendo a beleza do bolo de laranja lima.

A doçura da laranja lima é infinitamente superior à laranja comum. Esconde a acidez e evita que se denuncie o quitute como um bolo de laranjas. Evita-se a indigestão. Evita-se a vulgaridade do excesso de açúcar, para mascarar o amargor de laranjas podres.

Ainda que um bolo de laranjas cariocas ordinárias mascare o contrabando excessivo de farinha de baixa qualidade, que pode gerar abundantes ganhas para os boleiros industriais, o bolo de laranja lima traz em si a beleza de manter o passado laranja maquilado. E traz no próprio nome uma lima que pode ser usada para escapulir de clausuras.

Pela laranja lima, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

9. Meu caro amigo (semana 09)

[**Introdução PRA:** Nosso cronista misterioso não faz piada desta vez: ele fala que "é preciso restaurar a Racionalidade na política externa", contra "os arautos da destruição". É exatamente o que disse JMB, quando encontrou o pré-presidiário Steve Bannon, na embaixada do Brasil em Washington, em 2019, dizendo que havia muito a DESTRUIR no Brasil. É isso que os novos bárbaros estão fazendo: destruindo o Itamaraty. Vamos resistir!]

Meu caro amigo me perdoe, por favor, mas hoje eu acordei sem tempo para cuidar do vocabulário nem para corrigir as vírgulas. O tempo urge e o Brasil caminha pé ante pé para um fascismo sem precedentes, que destruirá não somente nossa Casa diplomática, mas também nosso país.

Meu caro amigo me perdoe, por favor, mas hoje eu acordei sem tempo para pensar em piadas, em versos alexandrinos e argúcias de raciocínio. O tempo urge e eu, que por este país tanto lutei, tanto trabalhei, me recuso a assistir inerte sua destruição. Tive a honra de ver um Brasil soberano respeitado entre as nações e não chegarei ao fim vendo todo o nosso patrimônio diplomático dilapidado e jogado aos porcos. Nem que seja como alma penada, ainda assistirei à restauração do brilho de nossa casa.

Como disseram amigos que sempre admirei, Celso e Rubens, junto com outros democratas, como Aloysio, Lafer e Fernando Henrique, em recente carta que publicaram, é preciso restaurar a Racionalidade na política externa. Do contrário, os arautos da destruição nos levarão nosso gosto de viver.

Muito como os alemães que se depararam com a ascensão do partido nazista (escrito aqui com letras minúsculas para reforçar sua pequenez) no início da década de 1930, temos ainda uma chance de salvar a Democracia Brasileira. Resta saber o que faremos para salvar nosso País da destruição. A ataraxia estoica que nos é tão característica já não basta.

Em nome de um Brasil soberano, democratas, reajam.

Ministro Eretº da Brocha, OMBUDSMAN

10. Aos fatos (semana 10)

[Introdução PRA: O pior ministro da “deseducassão” brasileira, desde antes de José de Anchieta, fugiu vergonhosamente do Brasil para os EUA, fraudando a sua entrada com passaporte e visto diplomáticos, numa EVIDENTE MENTIRA, sob qualquer critério que se possa pensar. Contou com a conivência do embaixador trumpista, pois o que existe não são relações normais, de Estado a Estado, e sim conivências espúrias entre aderentes a um mesmo projeto de subserviência a duas "almas gêmeas".]

Vamos aos fatos. Esta semana vi-me assoberbado pelos fatos. Esses estranhos substantivos que evocam uma realidade que, invariavelmente, negam. Os fatos são apenas fragmentos da verdade, como queria Drummond. Tascos de uma verdade reluzente; almejada, mas dificilmente alcançada.

Os fatos desta semana são, não obstante, os mais próximos que vi nos últimos meses da realidade. São inegáveis. São a chancelaria de Ernesto, por mais que me doa atribuir a alcunha de chancelaria para os desmandos que vivenciamos.

É fato que, nos Estados Unidos da América, encontra-se em vigor restrição sanitária para a entrada de indivíduos que tenham estado no Brasil. Salvo exceções, qualquer indivíduo que tenha estado no Brasil deverá cumprir “quarentena”(por falta de melhor palavra) de quatorze dias em outra localidade antes de adentrar as terras de Trump. Atenção, amigo leitor, para o “salvo exceções”.

É fato também que o mais ignóbil ministro da educação deste país, o odioso Weintraub, foi defenestrado da cadeira de Capanema na sexta-feira, dia 19. Fugindo (para utilizarmos o termo correto) para os EUA no sábado dia 20, utilizando passaporte diplomático para enquadrar-se no “salvo exceções” das restrições de Trump.

Contudo, é fato também que o Diário Oficial da União (DOU), nesta segunda-feira, dia 23, publicou um decreto retificando a data da demissão do Sr Abraham Weintraub. Corrigindo-a do dia 20 para o dia 19 de junho. A mudança, é saboroso dizer, torna fraudulenta a fuga do Gene Kelly da destruição.

Esses são os fatos. Não sabemos, de fato, a profundidade do envolvimento de nossa casa nessa lamentável trama. Não deixa de ser vergonhoso, porém, que a casa de Aracy Guimarães Rosa e de Souza Dantas, que honrosamente salvaram tantos dos horrores do Nazismo (que foi um movimento de extrema-direita, devo ressaltar), agora ajude na fuga daqueles que atentam contra a democracia.

Pelos fatos, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

11. Kejserens nye Klæder (semana 11)

[**Introdução PRA:** O conto de Andersen é bem conhecido, mas não serve só para crianças. Quando cheguei na Europa, em 1970, para um longo exílio de sete anos, o belga Pierre Rickman, sob o nom de plume de Simon Leys, tinha acabado de publicar *Les Habits Neufs du Président Mao*, um desmantelamento exemplar da falcatrua da Revolução Cultural na China, até então muito incensada pelos "intelequituais". Atualmente o Itamaraty está submetido a uma "revolução cultural", mas da mediocridade. Nosso cronista acaba de denunciar a mesma falcatrua: alguém está completamente nu...]

Em 1837, o dinamarquês Hans Christian Andersen publicou *Kejserens nye Klæder*, em bom português, *A Roupa Nova do Rei*. No conto, um tratante se muda para pequeno reino e decide se passar por um famoso alfaiate. Habil manipulador, espalha a notícia que inventou uma forma de tecer vestes mágicas que apenas os inteligentes e sábios conseguem ver!

O rei, muito vaidoso, ao saber dos supostos dons do famoso xastre, nomeia o malandro para alfaiate real e pede que teça seu novo manto. Para tanto, o malandro solicita baús cheios de riquezas, sedas chinesas e linhas de ouro, que serviriam para a confecção. Passa então meses a abusar dos divertimentos carnais do reino, sempre às custas do rei.

Acontece que, certo dia, o rei, cansado de esperar, chama seus ministros e vai ter com o alfaiate. Conhecendo a vaidade do rei, o malandro mostra um manequim sem vestimenta, apresentando, assim, as supostas vestes mágicas. O rei, sem nada ver, mas não querendo ser provado burro na frente de seus ministros, brada: "Que lindas vestes! Fizeste um trabalho magnífico!".

Os ministros aduladores, sem pestanejar, brindam também à beleza das vestes inexistentes. E o mais sábio, para se insinuar, chama atenta para a precisão da costura. Mesmo sábio que sugere festividades para apresentar as novas vestes. Proposta imediatamente aceita pelo vaidoso monarca.

Fora do palácio, na cerimônia de exibição das "novas vestes", uma criança tão sincera quanto plebeia grita: "O Rei está nu!". Rapidamente a plebe se une ao coro de gritos, risadas e escárnios. O rei, negando-se a admitir que foi estafado, insulta a todos de ignorantes e tenta condená-los a masmorras.

Sim, foi uma longa digressão, mas a esta altura, o amigo-leitor já conhece este humilde servo de Rio Branco e já perdoa minhas manias. O amigo-leitor também já reconhece quem é o rei asno do Itamaraty, seus sicofantas e a plebe, a gargalhar.

Pelo retorno de um rei com roupas, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

12. A Era do Rádio (semana 12)

[**Introdução PRA:** Nesta 12a. crônica, nosso cronista misterioso deixa o Itamaraty de lado, e ataca de Caetano, contra os “podres poderes”, o que vale provavelmente para vários níveis, estratos, categorias, instâncias, da desgovernança atual, o processo de desmantelamento das instituições republicanas, mas com uma incidência maior em certos focos específicos, que todos sabemos quais são, onde exercem os seus “podres poderes” aqueles que já foram chamados de alorados.]

Tenho um televisor moderno e ando abusando de canais de notícias e de filmes antigos. Mas eu sou mesmo do tempo do rádio. “Um piano ao cair da Tarde”, da Eldorado. O clássico da Bandeirantes, “Os brotos Comandam”, pois afinal eu era jovem. O “Repórter Esso”. Foram longas horas entre as novidades, os clássicos, as notícias e tantas outras vozes que povoavam o imaginário daquela época e que ainda me aquecem a alma.

Em minha nostalgia, resolvi sintonizar alguma estação. “Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes. Somos uns boçais”.

Era Caetano. “Queria querer gritar setecentas mil vezes como são lindos, como são lindos os burgueses e os japoneses, mas tudo é muito mais!”

Meu corpo aqueceu-se. “Será que nunca faremos senão confirmar a incompetência da América católica, que sempre precisará de ridículos tiranos? Será, será que será que será que será, será que essa minha estúpida retórica terá que soar, terá que se ouvir por mais zil anos?”

A essa altura, meus dedos batucavam acompanhando Caetano: “Enquanto os homens exercem seus podres poderes, Índios e padres e bichas, negros e mulheres e adolescentes fazem o carnaval! Queria querer cantar afinado com Ellis! Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase! Ser indecente! Mas tudo é muito mau! Ou então cada paisano e cada capataz, com sua burrice fará jorrar sangue demais nos pantanais, nas cidades, caatingas e nos Gerais?”

Arrepiado, escutei até o fim. “Será que apenas os hermetismos pascoais, os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais, nos salvam, nos salvarão dessas trevas e nada mais? Enquanto os homens exercem seus podres poderes, morrer e matar de fome, de raiva e de sede são tantas vezes gestos naturais! Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo, daqueles que velam pela alegria do mundo. Indo mais fundo, Tins e Bens e tais!”

Contra os homens e seus podres poderes, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

13. Era uma vez na Arábia um homem chamado Abu (semana 13 - Parte 01)

[**Introdução PRA:** Esta crônica adentra na cozinha interna do Itamaraty. Normalmente, a cozinha fica a cargo do Secretário Geral, que no Império se chamava Oficial Maior, mas, neste nosso caso, ele não é nem maior, nem menor; é apenas silencioso.]

O colega leitor já deve imaginar que não se incutiu em mim um forte pendor virtual. Até mesmo o WhatsApp, por que tanto apreço tenho, é-me cansativo, pela velocidade angustiante em que circula.

Assim, conto sempre com o auxílio paciente de colegas mais modernos para ficar a par de tudo que se passa. E que surpresa não foi quando um desses colegas apresentou-me às ortográfica e gramaticalmente aviltantes mensagens digitais de um ABU V, suposto diplomata.

Imbuídas de atípica deselegância, as mensagens são ataques a governistas (especialmente ao vizir do chanceler) que, supostamente, seriam opositores infiltrados, agentes de PT e PSDB e, invariavelmente, traidores - em suma, todos aqueles que não rezam pelo credo do **bolso-olavismo ortodoxo, como diria o Paulo Roberto**. Apesar da virulência odiosa, intrigou-me ABU.

Eu sei, não me critique. São ignóbeis os textos. Atração mórbida pelo feio, Tânato, chame como quiser. Fato é que me intrigaram as asneiras de ABU.

Sinto, leitor, e peço perdão a seus olhos já tão fustigados pelas notícias diárias, mas analisarei, com método, a loucura de ABU. Prometo ser breve, contudo, como dizia o simpático Guillotin. Serão cérebros a menos, mas com “uma rápida sensação de frescor”.

Para pertermos tempo juntos, acompanhem.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

14. ABU V, o heterônimo (semana 14 - Parte 02)

[**Introdução PRA:** Continua a cozinha interna do Itamaraty, que não interessa muito aos “paisanos”, mas que despertou imenso interesse na própria Santa Casa, que não merecia passar por tais constrangimentos e acusações, que inclusive redundaram numa penosa judicialização de todo o *affaire*.]

Como prometido, ou melhor, alertado. Inicio minha deambulação despretensiosa, não obstante analítica, sobre nosso suposto colega ABU V. Reitero, assim, meu pedido de perdão por mais esta digressão. A ver:

Ao preparar-me para esta análise, historiador dilettante que sou, busquei em livros, encyclopédias e compêndios referências que apontassem para monarcas islâmicos que carregassem o nome ABU em seus títulos. E pasme, amigo leitor, encontrei justamente quatro.

O primeiro de que encontrei registro, foi Abu Bakr Abdullah Ibn Uthman, um dos sogros do profeta e o primeiro Califa a sucedê-lo, em 632 d.c. Obviamente, a obsessão do chefe com seu ex-sogro ilustre não me passou despercebida, mas careço ainda de sinais enfáticos de que não é mera coincidência.

O segundo, Abu Bakr II, nono Mansa do Império Islâmico do Mali (1230-1670), é pouco conhecido. Sabe-se, porém, que desapareceu em navegação atlântica, na qual buscava a borda do oceano da terra plana. Este detalhe, é necessário admitir, atiçou minha verve conspiratória e me fez questionar a aleatoriedade do nome.

O terceiro, Abu Bakr Ibn Abd al-Munân, emir de Harar, cidade-estado muçulmana, reinou entre 1829-1852 e destacou-se em nossa análise por ter sido manipulado por um ardiloso e inescrupuloso vizir que atuava como líder de facto. Seria a história do terceiro Abu referência velada às acusações feitas pelo quinto Abu ao poderoso chefe de gabinete?

Por fim, o quarto monarca árabe com quem me deparei foi Abu Bakr al-Baghdadi, fundador e Califa do movimento Estado Islâmico do Iraque e do Levante. Morto em 2019, é também simbólico que este antecessor tenha sido o líder de um movimento reacionário de combate aos valores do liberalismo ocidental, buscando uma reconexão com um conservadorismo utópico e arcaizante.

Ainda que na chave cristã, ABU V parece buscar referências no histórico de nossa atuação diplomática recente. Resta saber se se trata de estratégia cômica para encobrir suas críticas, de mera coincidência ou de real inspiração nos Abus que o antecederam.

Para mais elocubrações infundadas, aguardem.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

15. O estranho caso de Abu (semana 15 - Parte 03)

[**Introdução PRA:** Esta crônica dá continuidade ao mais rumoroso *affair* da história recente do Itamaraty. Cabe esclarecer ao público de fora da corporação que CAE se refere ao Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, pelo qual todos os conselheiros precisam submeter uma tese (ou dissertação) se desejarem ser promovidos.]

Já que navegamos pacificamente rumo ao abismo da terra plana, falemos de insignificâncias, Abu. Creio ter tido verdadeira revelação divina ao regar, hoje pela manhã, minha pequena jabuticabeira. Vejo que já estou me adaptando a esses trejeitos antirracionalistas da Nova Idade Média. Justo no instante em que a água flui do regador, e a mente se esvazia, tive a iluminação: trata-se Abu de espírito recalcado e com orgulho ferido.

O paladino do Levante ataca Pedro não pelo hábito, mas porque foi reprovado em sua tese de CAE. Como sabemos todos, a banca deste ano reprovou um sem número de trabalhos. Muitos por serem globalistas, suponho. Outros muitos por serem ruins. Entre estes, o de Abu. Não tenho provas do que digo. Mas tenho convicção, que é o que importa na nossa escola olavista.

Abu ataca o vizir da montblanc verde por puro recalque, vejam vocês. Acusa-o de favorecer esquerdistas apenas para justificar seu próprio tropeço na banca de CAE. Que injustiça seria, em se tratando de tese tão bem esculpida na extrema direita.

Fato é que, após algum alarde, Abu travestiu-se de “Sentinela do Planalto”, calou sua homofobia e sumiu sem deixar vestígio. Talvez tenha ido proferir seus impropérios em outras estâncias. Talvez tenha sido expulso da comunicação social. Isso a jabuticabeira não me revelou.

Aqui jaz Abu que, ingênuo, tentou destronar Dulcinea.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

16. A jornada do herói (semana 16)

[**Introdução PRA:** Nosso cronista, sem revelar sua identidade, desvenda aqui o painel de uma geração, quanto tínhamos, no Itamaraty, um perfeito retrato da sociedade brasileira, dividida nas suas tribos habituais: diplomatas perfeitamente enquadrados no *mainstream* da época, nacionalistas, entreguistas, comunistas, marxistas *light*, poetas, prosadores, românticos e alguns faunos eventuais, que pelo menos tinham verve e *savoir faire*. Hoje a coisa anda um pouco dura: querem nos demarxistizar (comigo não vai funcionar), nos despetizar, nos desnacionalizar, com esse entreguismo sabujo ao chefe medíocre, mas temporário, do império. Querem acabar com a nossa diversidade genética, e transformar todo nós em robôs obedientes dos idiotas do antiglobalismo. Não vão conseguir.]

Meu saudoso Rubem Alves, de quem fui um dia discípulo, disse certa vez que a vida se compõe assim: fragmentos que arranjamos em torno de um tema. Este tema se apossa de nosso corpo (pode ser uma melodia, uma imagem, um toque), e as variações vão se repetindo, sempre iguais, sempre diferentes. Às vezes, o “script” é trágico. Mas ficamos fiéis a ele, por ser belo. Não é isto que nos faz continuar a ouvir a música que nos corta a alma, a continuar a leitura do livro que nos dilacera? A dor pode ser bela.

Retomo as palavras de Rubem para trazer a tragédia de um nobre herdeiro de Rio Branco. Embora seja trágico seu “script”, é meu dever de ombudsman cantá-lo com beleza, pois é a jornada de um verdadeiro herói. Um dos poucos que tive a honra de conhecer, não pelos livros, mas pela vida. José Jobim, para sempre embaixador desta Casa, por mais que ainda se tente obscurecer sua memória. Quem sabe uma chefia com caráter ainda lembrará seu nome em uma placa, como Vinicius e Maria Rebello.

Jobim era peito ilustre brasileiro, sem arroubos de grandeza e com grande honradez. Serviu à Casa com moralidade, respeito pela coisa pública, honestidade e capacidade técnica (características de um comunista irridento, para os padrões asno-lunáticos atuais). Conservador progressista, um desses paradoxos sublimemente lógicos que só a casa de Rio Branco oferece, tinha consciência das insígnias que carregava.

Não chegamos a ser próximos, mas o conheci pessoalmente quando iniciava minha carreira no exterior. Aprendi muito sobre a Argélia e o Vaticano. Sobre os resultados do armistício de Evian e sobre o progressista Papa Paulo VI. Escutei histórias saborosas sobre seu trabalho com Raul Bopp na edição do mesário “Correio da Ásia”, redigido, em português, a partir do Japão. Conheci sua esposa, Lígia Collor Jobim, filha de Lindolfo Collor, o ex-ministro varguista, e seus filhos. Lembro de apreciar a leitura de seu livro “Hitler e seus comediantes”, de 1934, que ainda mantenho em minha estante.

Este herói, que como muitos, não desejava ser um herói, senão um homem honrado e vivo, foi arrastado para sua jornada por desejar respeitar seus princípios. Como bem relatou nosso colega Gustavo Pacheco, em 15 de março de 1979, nosso nobre e já aposentado herói esteve na posse de João Batista Figueiredo e do chanceler Ramiro Saraiva Guerreiro, seu amigo. Durante a cerimônia, aqui sigo as palavras de Pacheco, “comentou com alguns amigos que estava escrevendo suas memórias, que incluiriam denúncias de superfaturamento na construção de Itaipu, comprovadas por extensa documentação, guardada em uma mala xadrez azul e branca, que ficava trancada em seu

quarto. Um desses amigos, o senador Gilberto Marinho, chamou Jobim num canto e pediu que ele por favor parasse de falar no assunto, porque as pessoas que ia denunciar estavam presentes ali, na recepção.”

Cerca de uma semana depois, Jobim desapareceria. Em 24 de março, foi encontrado morto no Rio. Sequer fazíamos ideia da causa. Ouvíamos sempre as histórias de tortura e execuções políticas praticadas no Brasil, e nos calábavamos, cada qual à sua maneira. Mas não imaginávamos que um colega - tanto mais um embaixador respeitado - pudesse ser vítima da repressão. Hoje conhecemos a Verdade, pela busca de sua filha Lygia. Por tentar denunciar a corrupção na construção de Itaipu, o embaixador José Jobim foi assassinado pelo regime militar.

Pela memória de um herói.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

17. Rumo à Idade Média (semana 17)

[**Introdução PRA:** Eu não tenho certeza se o personagem principal destas crônicas desabusadas é um templário legítimo, um cruzadista de araque, ou se ele apenas finge ser um membro dessa malta brancaleônica que partiu, de lança em riste, à conquista da Terra Santa, mas que nunca conseguiu sair dos cenários de Cinecittà, seguindo o roteiro bem traçado por Mario Monicelli. Não vou tentar descobrir, pois qualquer exegese dos livros santos requer uma expertise especializada que eu, um perfeito irreligioso, confesso não possuir, e nem pretendo me aventurar pelos caminhos de Deus (ou do Diabo).]

Por vezes me pergunto se, em seu delírio, Ernesto acredita ser Santo Agostinho, como o Quincas. Ou São Sebastião, que, se bem me lembro, acabou com a soberania de Portugal, e que nosso chefe reverenciou em sua possessão. Ou Santo Hilário, pois, afinal, a gargalhada é nosso último apupo. Fato é que o senhor ministro parece imbuído de missão divina, como quem busca salvar uma combalida civilização.

E dizem que ele conversa com as paredes, como eu. Mas que, em lugar de receber respostas desaforadas, ouve a voz de Deus. Sim, de Deus. E, talvez, esta suposta voz divina diga-lhe que, hoje, seu verdadeiro Vicário é Pio Trump; não o Papa, como creio eu, por dever cristão. Assim, seguimos, como bons fiéis, a Palavra de Trump, e combatemos o mal estar da civilização gestado pelos comunistas, pelo Papa e pelo Guterres.

Deve ser mesmo um sábio iluminado, cumprindo sua cruzada divina. Rara *avis in terris*. Ou seria a voz divina que houve Ernesto um diabrete a passar-se por Deus? Ou seria ainda nosso líder um falso profeta, como em Mateus 7:22-23, a dizer asneiras em nome do divino?

Há pouco tempo, acreditava eu que retrocederíamos algumas décadas com esse desgoverno, apagando nosso capital diplomático em temas como meio ambiente, direitos humanos e desenvolvimento.

Hoje vejo que retrocedemos é em séculos. Os templários contemporâneos estão defendendo um governo centrado na figura do líder; atacando a separação de Poderes; criticando o racionalismo, a ciência e até o Iluminismo - que veem como espécie de “comunismo *avant la lettre*”. E, como não poderia faltar, estão nos ensinando que a Terra é plana!

Se seguirmos nesse passo, não nos bastará um chefe sâo. Precisaremos de um novo movimento das Luzes.

Pelo Iluminismo, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

18. Patriotas? (semana 18)

[**Introdução PRA:** Samuel Johnson dizia, no meio de suas tribulações com a língua inglesa, que o patriotismo é o último refúgio dos canalhas (*patriotism is the last refuge of a scoundrel*). Não tenho certeza de que seja o último, mas é certamente muito utilizado por trapaceiros, embusteiros, demagogos e, no nosso caso, de alguns grandes fraudadores dessa assertiva do dicionarista do século XVIII, que não contentes de transparecer um falso patriotismo, não exibem nenhum pejo de se dobrar às vontades de um tiranete estrangeiro. São canalhas? Não tenho certeza. Talvez coisa pior.]

Alguém me explique esse patriotismo de quinta categoria. Hoje se enfia pátria para cá, pátria para lá, pátria acolá. E, ao mesmo tempo, bate-se continência para a bandeira de outro país. E flamula-se o símbolo de outros Estados em manifestações públicas. E se segue em tudo os desejos de outro país, como se a nossa grande pátria não tivesse vontade própria. Estamos fazendo nacionalismo para americano ver.

Esta semana vimos, abobalhados, um vídeo do início de 2019 no qual o “Excelentíssimo” (atenção às aspas) Senhor Presidente da República afirma que gostaria muito de explorar a Amazônia junto com os Estados Unidos. A nossa reação é a mesma de Al Gore no vídeo: incompreensão e incredulidade

E qual não é a revolta de um velho ouvir isso? Um servidor que tanto trabalhou pela soberania da pátria e que tanto se empenhou para proteger nossas riquezas, sempre cobiçadas por potências estrangeiras. E que patriotismo é esse que dilapida o patrimônio da pátria?

Imagine, atento leitor, o que seria se outro infame governante batesse continência, em público, para a bandeira de, digamos, Cuba? Seria uma comoção nacional. Uma balbúrdia de copa do mundo.

A propósito, Sr. Presidente, por que Michelle recebeu R\$ 89 mil de Queiroz e esposa? Ou, em inglês, para melhor compreensão dos patriotas: *Mr. President, why did your wife Michelle receive R\$ 89,000.00 from Queiroz and his wife?*

Pelo resgate do verdadeiro patriotismo nacional, comovam-se.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

19. Os leitões de Niemöeller (semana 19)

[**Introdução PRA:** A fábula dos três porquinhos foi muito popular na infância de todos nós, em desenhos animados, no teatro para crianças, nas estórias ao pé da cama. Tão popular que teve até versões politicamente corretas nos Estados Unidos, a pátria de todo esse besteirol que se espalha insidiosamente pelo mundo, a partir de sua matriz na terra do Walt Disney e de Walter Lantz: agora ficou proibido o lobo comer a vovozinha ou contar aquelas coisas atrozes que aconteciam com as heroínas de nossa inocente infância. Antigamente, a direita estúpida também contava que os comunistas comiam criancinhas; agora essa mesma direita estúpida pretende comer os comunistas, mas temo que a digestão não seja fácil: eles estão criando novos comunistas, por insistir em agitar essas bandeiras vermelhas no horizonte de nossas possibilidades futuras, quando já pensávamos que essas utopias já tinham ficado no século XX. Hoje em dia, nem o PCdoB pretende transformar o Brasil em país comunista: eles só querem extorquir os capitalistas para poder comprar a última versão do iPhone.]

Pode ser a senilidade batendo à porta, mas nunca lembro como viemos parar aqui. O amigo perdoará, que, afinal, a lucidez anda algo cabisbaixa no Brasil de 2020. As velhas estórias, de meninice, por sua vez, andam sempre frescas na memória. Também pudera, tantas vezes foram repetidas. Uma delas fez-me refletir sobre nosso atual desestado (sic) das coisas: Os Três Porquinhos, consagrada em 1890, na coletânea de folclore inglês do australiano Joseph Jacobs. No conto, os três irmãos suíños, Cícero, Heitor e Prático, deparam-se com dilema de descaso e precaução, ao construírem suas moradas.

Cícero, preguiçoso e cultor do descaso, optou por uma choupana de palha. Era fácil de erguer, e não acreditava que pudesse correr algum perigo. Heitor, sabendo que o frio do inverno penetraria a palha fina, foi um pouco mais prudente e construiu um chalé de madeira. Já Prático, velho sabido, insistiu em sólidos pilares fundacionais. Investiu seu tempo para construir uma casa de tijolos e cimento. Não faltaram troças de Cícero e Heitor ao irmão neurótico, mas Prático sabia que o perigo poderia vir.

Estava certo. Em pouco tempo, o lobo veio. Primeiro, na casa de Cícero, que se escondeu, tremendo, mas, com uma só bufada, o lobo soprou toda a palha da choupana. Cícero então correu a se esconder no chalé de madeira de Heitor, que confiava em sua estrutura de madeira. Mas bastaram duas boas bufadas do algoz para que todas as tábuas se despedaçassem. Desesperados, Cícero e Heitor correram para a casa do irmão precavido que, com certa dose de “eu avisei”, recebeu-os em sua casa de sólidas pilastras.

Novamente, o lobo veio. Bufou, bufou, bufou, mas não conseguiu trazer a casa a baixo. Segundo a estória, o lobo ainda teria tentado adentrar a fortaleça suína por duas vezes. Uma com disfarce de cordeiro e a outra pela chaminé, mas acabou com o rabo queimado em uma panela de água fervente que Prático fez borbulhar. O lobo mau, então, fugiu assustado e nunca mais voltou.

Por esses dias, ao ler mais um disparate deste ministro ou daquele presidente, já não sei ao certo, pensei que, diante do mal do bolso-olavismo, eu mesmo fui Cícero.

Sequer imaginei que um pensamento tão fraco e desconexo pudesse chegar perto de nossa Casa. Quando me dei conta que esses ventos sim sopravam por aqui, fui Heitor. Não podia acreditar que ameaçariam a nós, que tanto nos gabamos de nossa inteligência. Ao fim, talvez estejamos a repetir a estória dos porquinhos, mas com um toque de Martin Niemöller, já que nunca acreditamos que viriam por nós.

O que não consigo lembrar exatamente é como pudemos, Práticos que somos, permitir a entrada desse mal em nossa sólida Casa, construída sobre firmes alicerces de tradição e pragmatismo. Fiquei perdido na história e não sei como o lobo entrou. Ele já destruiu toda a Casa? Ou será que lhe abriram a porta da frente?

Para que não viremos pururuca, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

20. Receita contra o globalismo (semana 20)

[**Introdução PRA:** O globalismo é o fetiche dos idiotas olavistas, que recuperaram esse seu fantasma preferencial daquela fração de aloprados americanos da *alright*, que o embaixador Ricupero chama de *lunatic fringe*, a franja lunática, que se tornou tão abundante em nosso país jabuticabal quanto na pátria por excelência dos antiglobalistas. O antiglobalismo num diplomata é assim como a quadratura do círculo, ou seja, algo praticamente impossível, a menos que o sujeito seja um doido de pedra. Diplomatas são globalistas naturais, e isso bem antes de Rui Barbosa, que construiu boa parte das bases conceituais da diplomacia brasileira (a de boa qualidade), e que defendia, com fervor, a igualdade soberana das nações, coisa que os antiglobalistas do patropi nem cuidam de cuidar, preferindo submeter nossa pátria amada, tão distraída, a tenebrosas transações com os seus adorados imperialistas. Bando de entreguistas!]

Sei que falo muito de comida, mas esse é um mal dos gordos, e muitos colegas me entenderão. Vivemos tempos ameaçadores e a espada de Dâmocles globalista pode ceder a qualquer momento sobre nossas cabeças. Precisamos defender a todo custo nosso campo de batatas!

Por isso, busquei uma receita que vou compartilhar com os poucos desocupados que ainda me leem. Primeiro, precisamos de uma boa dose de burrice. Mentes alertas não combinam com nossa conspiração. Misture a burrice com 4 ovos e bata bem, até formar uma clara cor de pele. Leve ao fogo médio.

Enquanto isso, pegue um quilo e meio de massa de crença cega, dessas que te fazem acreditar que máscara faz mal para a saúde, que termômetro frita o cérebro e que covid é invenção chinesa para vender 5G. Acrescente quatro xícaras de leite - entendedores entenderão, como diria o blogueiro - e quatro ovos de galinha de Glicério. Reserve.

Em uma tigela grande, junte um pouco de paranoia com algumas aulas do Olavo. A propósito, um anti-globalista de verdade deve ler alguns textos do Rasputin brasileiro. Pode ser daquele livro mais famoso; alguma coisa sobre ser um idiota, parece. Não leia o livro inteiro, porque é só um monte de palavra escrita. E não temos o mês inteiro, afinal. Corra que o globalismo vem aí!

Pegue a burrice que está fervendo no fogo e acrescente a esse caldo de olavismo. Misture bem. Quando formar um creme uniforme, misture à massa de cegueira. Como fermento, use intolerância mesmo, que está sobrando. Polvilhe um pouco de fascismo e leve ao forno por uma hora.

Pronto. Você terá a sua ração de anti-globalismo para consumir com sua dose diária de fake news. Ou de vídeos da FUNAG - desses recentes claro, não assista aos velhos, senão amarga.

Contra o globalismo, cozinhem.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

21. O Ig Nobel (semana 21)

[**Introdução PRA:** Os prêmios IgNobel, assim como os Darwin Awards, consagram a inutilidade, a inépcia, a irrelevância, mas que ainda assim podem custar preciosos recursos públicos. Os agraciados com o Darwin, contudo, não conseguem recebê-lo, pois que geralmente perecem nos seus estúpidos empreendimentos e aventuras. Nossa amado líder, que o cronista misterioso chama de “líder maior”, encomendou trocentas mil pílulas de cloroquina às gloriosas FFAA, que correram afanosamente a satisfazer a sapiência médica e sanitária do chefe supremo. Alguém poderia encomendar uma auditoria ao TCU, e depois mandar a conta ao troglodita que gastou o dinheiro do povo com uma droga rigorosamente inútil? Além de inútil, perigosa, pois que podendo custar a vida do infeliz que seguiu o conselho do degenerado. Deveria merecer um outro tipo de prêmio, mas ainda não atinei qual...]

A Ema quando canta trás um bocado de azar. Como falássemos há poucas semanas de Nobel, nosso Odorico foi agraciado com uma dessas láureas. Com prefixo, no entanto, ig. Não minto, que sou homem honrado. Nossa líder maior recebeu sim o prêmio Ig Nobel.

A Ema, quiçá ofendida pelas provocações de um desbocado e seu caixote de cloroquina, parece ter-se vingado. O Ig Nobel é prêmio satírico oferecido por comissão de cientistas de Harvard e do MIT para aqueles que se destacam por sua inutilidade nos campos das ciências, da paz, das artes e da gestão pública.

O Messias que não faz milagre compartilhou o prêmio de “educação médica” com outros gênios da raça: Boris, Narendra, Lukashenko (bi-campeão), Recep, Vladimir, Gurbanguly e, não poderia faltar, Donald. Estes paquidermes do pensamento, quiçá também dignos de um Darwin Awards, receberam a ignóbil honraria no âmbito da tragédia pandêmica do COVID-19, por serem prova viva de que políticos podem ter efeito mais imediato na vida e na morte do que cientistas e médicos.

Eis o reconhecimento e o prestígio internacional de que o Brasil necessitava! Nossa soez chefe prova ao mundo que ignorância é força. Se já morreram uns 30 mil, digo, uns 130 mil, e daí?

Reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

22. O Discurso (semana 22)

[**Introdução PRA:** O sogro do chanceler accidental, que já fez duas ou três edições dos discursos anuais de abertura dos debates na Assembleia Geral da ONU, poderia ser chamado para completar sua obra, incorporando as inacreditáveis peças de 2019 e 2020. O problema é que ele sempre faz uma introdução resumindo o sentido da mensagem do Brasil ao mundo. Teria ele coragem de atualizar sua grande obra de referência?]

Ladies and the gentleman, let's put the aside the howvers and go straight to the endsly, I am here to kill the snake and show the stick, because with me, is bread - bread, cheese - cheese! Esse foi o discurso que Odorico Paraguaçu, personagem principal da inigualável sátira política *O Bem-Amado*, do igualmente inigualável Dias Gomes, proferiu nas escadas das Nações Unidas, em 1973.

O mestre alagoano, Paulo Gracindo, que interpretava Odorico, brindou-nos com esse macarrônico discurso, como piada e crítica aos políticos lamentáveis que abundavam no cenário brasileiro. Quase cinquenta anos depois, ao ver a pataquada que nosso Excelentíssimo fez na última Assembleia Geral das Nações Unidas, penso que preferia ter Odorico de volta a proferir seu discurso, pois seria mais honroso.

Além de Odorico, lembrou-me o discurso, por alguma razão, de outra obra brasileira de 1973, a canção “Mentira”, de Marcos Valle. Quando o Excelentíssimo diz que “o Brasil está comprometido com os princípios basilares da Carta das Nações Unidas: paz e segurança internacional, cooperação entre as nações, respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais de todos”, ouço apenas o refrão: Mas é mentira, tchup tchu, É mentira, -Ira, tchup tchu, É mentira...

“Nossa floresta é úmida e não permite a propagação do fogo”, Mas é mentira, tchup tchu, É mentira, -Ira, tchup tchu, É mentira... “Os incêndios acontecem praticamente, nos mesmos lugares, no entorno leste da Floresta, onde o caboclo e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas”, Mas é mentira, tchup tchu, É mentira, -Ira, tchup tchu, É mentira...

“Mantendo minha política de tolerância zero com o crime ambiental”, mas é mentira, tchup tchu, É mentira, -Ira, tchup tchu, É mentira... “O Brasil saúda também o Plano de Paz e Prosperidade lançado pelo Presidente Donald Trump...” Opa! Aqui não é mentira, é apenas um lambe-botas fazendo sua deferência.

Por menos mentira, tchup, tchu.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

23. As cinzas de Pompeia (semana 23)

[**Introdução PRA:** Nossa Pompeia é a fronteira com a Venezuela, que o chanceler accidental queria ultrapassar para atender às aventuras eleitoreiras de um outro chefe, o do seu amigo, o tal de Bolton, que aguentou enquanto pode, depois foi defenestrado e ficou magoado. Até agora não conseguiram violar a Constituição em toda a extensão do Artigo 4, aquele que fala da não intervenção nos assuntos internos dos outros Estados.]

Tenho cá para mim que Pompeia padeceu por descuido. Sei que vulcões explodem muito raramente e que é próprio do ser humano não acreditar que será surpreendido, justo em sua geração, por uma daquelas erupções cataclismáticas que, de tempos em tempos, a História registra em suas páginas. Mas ninguém vai me convencer de que precisava fazer mais uma cidade ao pé do Vesúvio. Havia um tom de ingenuidade nesses pompenienses.

Refletindo sobre a visita “surpresa” que outro dia nos fez o Secretário de Estado, bem longe da capital e bem perto de outro famoso monte, sinto cheiro de cinzas. Pode ser que seja apenas um faro corrompido por cortinas de fumaça, mas nada me demove de que há muita ingenuidade em nosso cruzado anti-barão. Claro que ele pode ter apenas aproveitado a oportunidade para demonstrar sua fidelidade. Pode ainda, fiel escudeiro, ter dado sua contribuição à campanha eleitoral de seu ídolo. Pode, até mesmo, ter apenas acolhido, com todo seu humanismo – ou humanitismo, que lhe convém mais – os que buscam refúgio em nossa pátria.

Mas; Pompeia em Roraima? Posso estar a me equivocar, mas algo definitivamente não cheira bem. A visita foi envolva em segredos... Seria mesmo apenas um encontro de última hora, não planejado, entre bons vizinhos de agenda vazia? Ou havia algo mais nessa operação? Além, é óbvio, de mais uma afronta à nossa Constituição e mais uma ofensa à boa tradição da nossa Casa, que já foi, em outros tempos, uma fortaleza da soberania nacional.

Lamento alimentar teorias infundadas, mas, por força de nosso ofício, habituei-me a seguir instruções e a observar, por vezes mimetizando, a linguagem e o pensamento do chefe. Se havia algum propósito obscuro na visita, o tempo dirá. Torço apenas para que não sejamos surpreendidos pelo rio de lava, já incontrolável, provocado pela ingenuidade de alguns poucos pompenienses.

Por descuido ou não, a Pompeia original queimou como um fato da natureza. Um vulcão, em toda a sua incontornável realidade, a dizimou. Aqui, contudo, Pompeia constrói seu próprio vulcão e alimenta seu fogo com ignorância e alienação intelectual. A erupção do Vesúvio Tupiquiniquim traz um lodaçal de vergonha e cinzas às portas da casa de Rio Branco, sujando não somente nossos degraus, mas também nossa reputação.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

24. Réquiem para um povo (semana 24)

[**Introdução PRA:** Um triste final para esta crônica, a última desta segunda edição de uma compilação que fiz por minha conta e risco, trazendo um pouco de humor e derrisão numa conjuntura de grandes sofrimentos, e não só para o povo brasileiro. Temos, porém, como povo, um grau adicional de aflição, como ocorre com o povo americano, ambos assolados por dois degenerados que são responsáveis, em grande medida, por um número adicional de mortos e enfermos que não deveriam existir se eles tivessem tido, ao menos, um comportamento digno, seja na prevenção e controle, seja no conforto a ser dado aos familiares das vítimas. Eles não estão longe da classificação de genocidas.]

Meus amigos me desculpem, mas hoje chorei. Não sou muito afeito ao pranto, pois fui criado em uma geração na qual se ensinava, erroneamente, que homem não chora e, se chora, não diz. Por isso, perdoem meu pecado, mas hoje chorei. São 150 mil mortos. No Brasil. Por Covid, quiçá, também, por incompetência e descaso.

Já nos revoltamos nesse folhetim com os ignorantes que acreditam em globalismo, em terraplanismo, em laranja lima. Mas não tratamos do assunto inescapável dos últimos meses. Não nos reduzimos às vicissitudes da política doméstica. Mas, hoje, passamos de 150 mil.

Desculpe-me o leitor, mas não consegui seguir sem um minuto de lágrima pelos meus concidadãos que poderiam, agora, estar vivos. Estariam, cada um desses 150 mil, onde quer que quisessem estar. Mas estariam. Viveriam em nossa pátria. Mas não vivem.

Busquei inserir nestas linhas uma troça qualquer sobre o “e daí?” de sua excelência, para manter o tom destas já infames crônicas, mas não consegui. Nem que eu usasse da mais fina das ironias, não encontraria graça que pudesse usar sem que esta me pesasse na consciência.

Ainda não vi o Presidente, ou qualquer Ministro de Estado fazer um minuto de real silêncio. Um minuto que fosse. Por tantas vidas que foram, faço destas linhas um réquiem para um povo que tanto sofre e que mais respeito e cuidado merece.

Por 150 mil, um minuto de silêncio.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN.

Um cronista misterioso anima a RESISTÊNCIA no Itamaraty

Como informei nesta postagem:

<https://diplomatizzando.blogspot.com/2020/08/um-cronista-secreto-do-itamaraty.html>

recebi, primeiramente, um “cacho” de uma dúzia de crônicas saborosas (e uma gastronômica no meio, dedicada a um “bolo de laranja lima”, que deve ter sido ainda mais saboroso) sobre a “*miséria da diplomacia*” brasileira atual – tal é o nome do meu livro de 2019, livremente disponível neste blog –, uma vez que o Itamaraty se encontra perdido num “labirinto de sombras”, este é o título do meu primeiro livro de 2020, ambos dedicados à destruição da inteligência no Itamaraty. A eles se seguiu um terceiro livro, já voltado para um projeto de reconstrução da política externa e de restauração da diplomacia, pois que a isto me obriga minha consciência de diplomata dissidente.

Postei as crônicas recebidas nas várias postagens sequenciais anteriores.

Espero que a maioria se divirta, embora algumas sejam mais propriamente desoladoras, mas este é o retrato do governo atual e da administração bolsolavista no Itamaraty. Espero receber mais crônicas do cronista misterioso, um diplomata ainda não identificado (o que é perfeitamente compreensível: pode ter amigos e parentes na carreira e não cabe oferecer nenhum flanco aos aloprados do poder).

Quando estes tempos obscuros passarem, ele certamente vai aparecer, com seu nome próprio, e será saudado como o iniciador do processo de resistência, um bravo entre muitos bravos (mais discretos).

Sou apenas um assistente de redação, digamos assim, e meus comentários figuram geralmente nas postagens do meu blog *Diplomatizzando* e no Facebook, que servem de registro para estes tempos obscuros.

Como diriam os companheiros, marxistas na maioria, a luta continua...

Paulo Roberto de Almeida
21 de agosto, 4 de novembro de 2010